
Radiojornalismo, extensão e espaço público: a diversidade de fontes presentes no programa universitário ‘Rádio Corredor’¹

Maurício Aguiar SOBRINHO²

Daniela Cristiane OTA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma discussão sobre a diversidade de fontes utilizadas no programa universitário ‘Rádio Corredor’, veiculado na rádio Educativa UFMS 99.9 e associado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), enquanto produção laboratorial em jornalismo. Para o trabalho, foram selecionados os três primeiros programas veiculados durante o semestre 2023.2 – de uma hora cada – com a finalidade de classificar as fontes empregadas na produção dos conteúdos jornalísticos e analisar a diversidade das fontes identificadas, no panorama da produção laboratorial realizada nos cursos de jornalismo e a veiculação em rádios educativas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; extensão; fontes; diversidade; rádio educativa.

INTRODUÇÃO

O programa ‘Rádio Corredor’ é desenvolvido desde 2005 com os estudantes do quinto e sexto períodos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e veiculado na Rádio FM Educativa UFMS 99.9 e nas caixas de alto-falante instaladas no corredor central da Cidade Universitária da UFMS, em Campo Grande. Atualmente, o programa é desenvolvido no âmbito das disciplinas de Laboratório de Jornalismo Sonoro I e Laboratório de Jornalismo Sonoro II e visa propiciar aos estudantes a experiência da realização de um programa de radiojornalismo ao vivo, bem como possibilitar a aproximação com a comunidade por meio da extensão universitária.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Graduando do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: mauricio.aguiar@ufms.br.

³Docente orientadora e professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), email: daniela.ota@ufms.br.

Para Barbosa Filho (2003), a programação radiofônica é definida pelo “conjunto de programas ou produtos radiofônicos apresentado de forma sequencial e cronológica”. Nesse sentido, o programa ‘Rádio Corredor’ pode ser descrito como um programa jornalístico e musical. Veiculado duas vezes na semana, às segundas e terças-feiras, este possui uma hora de duração, conta com três blocos e é segmentado entre 30 a 35 minutos de conteúdo jornalístico e 20 a 25 minutos de programação musical, que atende os critérios das emissoras educativas culturais.

A produção é feita semanalmente pelos acadêmicos, que se dividem em grupos de quatro ou cinco estudantes e realizam todas as etapas do trabalho jornalístico: seleção das pautas, apuração, entrevista, edição de texto e sonoras, escolha das músicas e apresentação, bem como a operação da mesa de som durante o programa ao vivo, com orientação da professora responsável pela disciplina.

As concessões dadas às rádios educativas-culturais, como aquelas associadas às universidades – neste caso, a Educativa UFMS 99.9 – presumem a difusão de conteúdos educativos, culturais e pedagógicos e vedam a transmissão de qualquer propaganda, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, como previsto pelo Decreto de Lei Nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, que atualizou o Código Brasileiro de Telecomunicações⁴. De acordo com Deus (2003), as rádios educativas universitárias possuem um papel fundamental na formação dos estudantes, na democratização da comunicação, na extensão acadêmica e no reconhecimento da pluralidade cultural por meio dos espaços públicos.

Frente a isso, este trabalho propõe a classificação das fontes utilizadas no programa universitário ‘Rádio Corredor’, enquanto produção laboratorial e de extensão difundida em um espaço público destinado à produção educativa-cultural, e envolve a análise da diversidade das vozes identificadas em seu conteúdo jornalístico.

O estudo pretende ainda verificar possíveis padrões na seleção de fontes pelos estudantes durante o desenvolvimento e apuração das pautas. O estudo será feito com base na classificação de fontes de notícias proposta por Schmitz (2011), levando em conta os seguintes grupos: oficial, empresarial, institucional, popular, testemunhal, notável e especializada.

⁴Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4117compilada.htm. Acesso em: 09 jun. 2024.

RÁDIOS PÚBLICAS E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O embrião da Educativa UFMS 99.9 surgiu no curso de Jornalismo da instituição. Entre 1990 e 2002, existiu na universidade a rádio Alternativa UFMS, veiculada em frequência modulada. Sua criação se deu um ano após a inauguração do curso, em 1989. A programação da rádio era, em sua maioria, produzida pelos estudantes do curso de Jornalismo e a partir de 1999 foram integrados à rádio acadêmicos de demais cursos, ampliando a gama de conteúdos da rádio, que abrangia jornalismo, música, humor e até transmissão de shows ao vivo. Em 2000, foram instaladas caixas de alto-falante do corredor central da Cidade Universitária que veiculavam a programação da rádio.

Com o encerramento da Alternativa UFMS em 2002, os programas experimentais produzidos no Laboratório de Radiojornalismo continuaram sendo transmitidos pelas caixas de alto-falante no corredor principal da universidade. O projeto de uma rádio educativa-cultural na UFMS só ressurgiu em 2009, quando a instituição protocolou uma solicitação no Ministério das Comunicações (MCom).

Segundo o Ministério da Educação (MEC), as universidades federais operavam, em 2023, 50 estações de radiodifusão, com uma previsão de operação de 100 novas emissoras, a maior parte vinculada à Rede Nacional de Comunicação Pública, da Empresa Brasil de Comunicação (EBC)⁵. No que tange às rádios universitárias, Diniz e Maciel (2014) destacam que a extensão universitária e a participação dos discentes na produção são características imprescindíveis desse modelo de radiodifusão.

A extensão é um aspecto fundamental das atividades de uma emissora desse tipo porque é através também das atividades extensionistas que a universidade devolve à sociedade tudo aquilo que nela é investido. [...] a participação do aluno é um dos requisitos para a constituição verdadeira de uma rádio universitária porque esta deve contribuir para a formação do estudante e, ao mesmo tempo, servir como espaço de inovação, criatividade e produção de novas propostas. (DINIZ e MACIEL, 2014, p. 3)

Enquanto emissoras educativas-culturais que se valem de uma concessão pública, as rádios universitárias devem proporcionar uma programação não apenas voltada ao

⁵Disponível em:

<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/outubro/universidades-federais-ampliam-rede-publica-de-radio-e-tv>. Acesso em: 09 jun. 2024.

público acadêmico, mas essencialmente plural e que respeite a diversidade sociocultural das regiões em que estão inseridas. Herrera Huerfano (2001) afirma que a função social e cultural é uma responsabilidade da comunicação produzida em espaços universitários, e que esta deve promover uma programação distinta e alternativa àquela já difundida – em excesso – nas rádios comerciais.

Essa responsabilidade pode e deve ser posta em prática por meio das produções laboratoriais nos cursos de jornalismo, enquanto espaço de experimentação do fazer jornalístico. Spenthof (2013) aponta que “a atividade laboratorial acadêmica é o exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos e de atividades práticas; é a realização de transformações na vida do estudante”.

De fato, as disciplinas laboratoriais são, na maioria das vezes, a primeira experiência da grande maioria dos discentes em um veículo de imprensa. Nesse sentido, uma rádio pública universitária deve oferecer práticas e atividades que auxiliem na consolidação de um espaço laboratorial aos estudantes (Kempf, 2003).

Os estudantes de Comunicação Social, principalmente os de jornalismo, podem compreender na prática todo o processo de produção de um programa, passando desde o levantamento de dados, a elaboração da pauta, a criação do texto, a conjugação entre elementos textuais e sonoros, a reportagem, até a locução e o contato com o público. Esta oportunidade de formação o aluno de jornalismo não encontrará nos estágios normalmente oferecidos pelo mercado de trabalho. (KEMPF, 2003, p. 62-63)

Este processo de aprendizado se ancora não apenas nos conceitos teóricos da disciplina em que o laboratório se baseia, mas também nos conceitos de disciplinas cursadas anteriormente, em especial as teóricas, que têm como objetivo oferecer aos estudantes uma bagagem conceitual que irá embasar sua produção e fazer pensá-la de maneira crítica.

Nesse contexto, Deus (2020) afirma que a extensão estabelece um lugar de ‘alteridade’: é o momento em a universidade reconhece a diversidade sociocultural e étnico-racial das regiões em que estão inseridas, bem como permite colocar em prática o ensino. A extensão universitária contribui diretamente para a formação cidadã dos estudantes e possui um papel fundamental na estrutura da universidade, já que faz parte do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão, considerado o alicerce do conhecimento acadêmico.

Tendo isso em vista, o programa radiofônico ‘Rádio Corredor’, veiculado na rádio Educativa UFMS 99.9, é caracterizado não apenas como um projeto de ensino, desenvolvido no âmbito de uma disciplina que compõem a grade curricular do curso de Jornalismo da UFMS, mas também uma atividade extensão, já que coloca os estudantes em contato com o público extramuros da universidade, e os provoca a pensar sua produção jornalística tendo como foco a audiência em geral e a diversidade de seu público.

AS FONTES NO JORNALISMO

McQuail (2003) conta que, para os teóricos da comunicação, o conceito de diversidade está próximo ao conceito de liberdade e que é necessária a existência de canais públicos de comunicação que transmitam para variadas audiências. O autor esclarece que, entre os elementos associados ao princípio da diversidade nos sistemas de comunicação, está a necessidade de “oferecer as mesmas oportunidades de acesso às vozes das várias minorias sociais e culturais que constituem a sociedade” (McQuail, 2003, p. 173).

A possibilidade de servir como um espaço aberto para discussões e exposições de diferentes pontos de vista e interesses sociocomunitários também é um componente destacado pelo teórico. No entanto, segundo Schmitz (2011), as fontes de notícias favoritas dos repórteres são as oficiais, ou seja, aquelas que se manifestam em nome do Estado e dos poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário).

Em relação à equidade de gênero, tal diversidade também não se faz presente, ao menos não no Brasil. O relatório *Who Makes the News*, de 2020, da *Global Media Monitoring Project*⁶, apontou que, nas rádios brasileiras, as mulheres são apenas 26% das fontes de notícias, contra 74% dos homens. O índice é o menor entre os meios de comunicação pesquisados (impresso, rádio, TV, internet e twitter).

O estudo ainda expõe que a principal função das mulheres (59%) enquanto fontes nas notícias é o de “experiência pessoal”, ou seja, fontes-personagens (popular),

⁶Disponível em:

<https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/1-Relatorio-GMMP-Brasil-portugues-12-07-21-completo-1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

enquanto em 43% das histórias o papel das mulheres era de testemunha. O número cai para 23% quando a função é especialista e para 16% entre os porta-vozes.

As fontes estão diretamente relacionadas com o fazer jornalístico e o resultado do produto final, e são elas, muitas vezes, que tornam as notícias e reportagens possíveis. Por isso, faz-se necessário a reflexão e a discussão acerca das vozes que estão por trás destes produtos e seus processos de seleção. Kischinhevsky e Chagas (2017) afirmam que “saber de onde vêm as notícias não é somente uma questão retórica, mas uma garantia da manutenção do jornalismo como instituição social e parte do conjunto de interesses públicos presentes em uma sociedade democrática”.

A influência de uma fonte pode ser tão grande ao ponto de uma pauta ‘cair’ caso ela não esteja acessível ou não aceite ser entrevistada. Para Schmitz (2011), o jornalista que seleciona suas fontes, via de regra, dá prioridade às fontes mais próximas, mais íntimas e que aceleram o processo de produção, bem como transmitem credibilidade e domínio sobre o assunto.

Para Hall *et. al* (1978), os ‘definidores primários’ das notícias são aquelas fontes que estão em posições de poder político e econômico na sociedade e são os primeiros a serem consultados durante o processo de apuração. Estas fontes dão credibilidade às notícias e reportagens, não apenas por serem especialistas e pessoas notáveis de suas áreas de atuação, mas por possuírem cargos de destaque ou influência nas instituições.

Estes dois aspectos da produção de notícias - as pressões das rotinas produtivas, trabalhar contra o relógio e as exigências profissionais de imparcialidade e objetividade - combinam-se para produzir um acesso excessivo e sistematicamente estruturado da mídia àqueles que ocupam posições institucionais poderosas e privilegiadas. A mídia tende, assim, a reproduzir simbolicamente a estrutura existente de poder na ordem institucional da sociedade. (HALL *et. al*, 1978, p. 58, tradução nossa)

Semelhante a isso, Erbolato (1991) classifica as fontes entre fixas e fora de rotina. Fixas seriam aquelas que os repórteres recorrem com frequência, e que por causa disso estabelecem uma relação mais próxima. Já as fontes fora de rotina são procuradas excepcionalmente, quando é necessário o esclarecimento de um fato em específico.

A existência de um grupo de fontes fixo, acessado com frequência pelos jornalistas, leva a criação de um cenário onde as mesmas fontes sejam utilizadas em

excesso. Em especial, no momento atual, com o advento da internet e a popularização das redes sociais, acionar tais fontes se tornou ainda mais fácil e rápido.

Nesse âmbito, Rutilli (2014) destacou que as relações entre jornalistas e fontes foram profundamente alteradas com a existência do ambiente digitalizado, com a facilidade e a agilidade nas formas de contato. Este processo não seria diferente dentro das faculdades de jornalismo, onde os estudantes se valem de plataformas como *WhatsApp* e de outras redes sociais para pesquisar e contactar fontes, que por sua vez gera um ‘grupo seletor’ de fontes que circula frequentemente entre os repórteres.

Com base nos aspectos apresentados, esta análise tem como aparato metodológico a classificação de fontes de notícias, proposta por Schmitz (2011). O autor categoriza as fontes no jornalismo em diferentes grupos, identificadas por seus interesses, opiniões e repertórios.

A maioria das informações jornalísticas é plural, emana de vários tipos de fontes, que o jornalista utiliza para reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos. Por isso, hierarquizar as fontes é essencial na atividade jornalística, pois a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídias. (SCHMITZ, 2011, p. 23)

O autor classifica as fontes nos seguintes grupos: oficial, alguém em função ou cargo público que fala pelo Estado (executivo, legislativo e judiciário); empresarial, representa uma corporação e tem interesses comerciais; institucional, representa uma organização sem fins lucrativos ou um grupo social; popular, que se manifesta por si mesmo e contextualiza um fato da vida cotidiana; testemunhal, que relata um fato que ocorreu; notável, pessoas conhecidas por seu talento ou fama, como artistas, escritores, atletas e outros e por fim, a especializada, uma pessoa de notório saber específico e que pode estar relacionada a uma profissão, especialidade ou área de atuação.

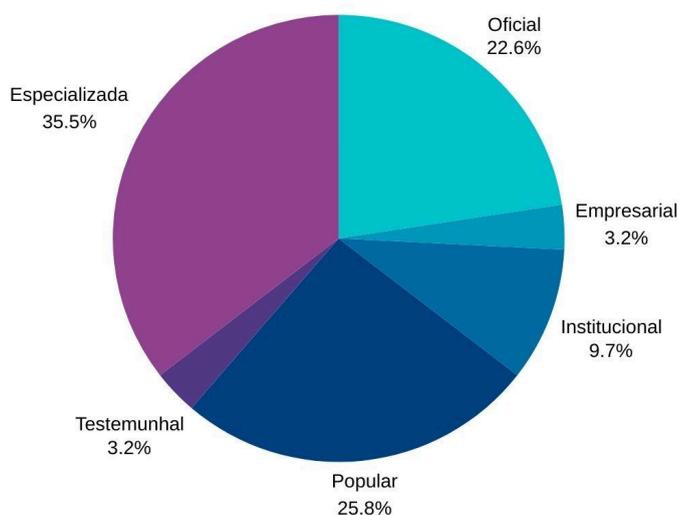
PRINCIPAIS RESULTADOS

Nesta etapa, apresentamos os principais resultados da pesquisa. Para a análise, foram selecionados três episódios do programa universitário ‘Rádio Corredor’, veiculados ao vivo na rádio Educativa UFMS 99.9 no segundo semestre letivo de 2023 e produzidos pelos estudantes da disciplina de Laboratório de Jornalismo Sonoro II.

Cada programa foi produzido por um grupo, composto por quatro ou cinco discentes cada, e transmitido nos dias 19/09/2023, 31/10/2023 e 07/11/2023, nas terças-feiras.

Ao todo, foram identificadas 31 fontes entrevistadas no programa ‘Rádio Corredor’, entre os três programas analisados. Foram identificados todos os grupos de fontes propostas por Schmitz (2011) em sua classificação, com exceção da fonte popular.

Gráfico: fontes identificadas na Rádio Corredor



Fonte: elaboração própria

A categoria mais presente foi a das fontes especializadas, com 11 entrevistados, 35,5% do total, o que mostra a preferência dos estudantes do Laboratório de Jornalismo Sonoro II pelas fontes especialistas. O segundo grupo mais frequente é o das fontes populares, com oito entrevistados, 25,8% do total. Em seguida, as fontes oficiais, com sete vezes identificadas (22,6%), o que mostra que no caso dos repórteres analisados, estes não possuem preferência pelos agentes públicos como estabelecido por Schmitz (2011). Por fim, aparecem as fontes institucionais, com três entrevistados (9,7%); testemunhas e empresarial, com um entrevistado cada (3,2%).

Em relação à paridade de gênero, apesar das mulheres representarem a maioria das fontes identificadas na ‘Rádio Corredor’, com 58% do total, estas são, em sua maioria, fontes populares, representando 100% das vozes presentes nessa categoria – o que vai de acordo com o cenário encontrado pelo estudo da *Global Media Monitoring*

Project (2020), bem como a única fonte testemunhal identificada. Em contrapartida, os homens são a maioria das fontes oficiais (71%), institucionais (66%) e especializadas (54%). Foi identificada apenas uma fonte empresarial, sendo esta uma mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise quantitativa das fontes mostra que, enquanto produto jornalístico, o programa ‘Rádio Corredor’ possui padrões de seleção de fontes semelhantes àqueles identificados no radiojornalismo do Brasil, como exposto pela *Global Media Monitoring Project* (2020). Apesar de serem a maioria dos entrevistados, as mulheres ainda têm seu papel diversas vezes relegado às fontes populares, enquanto os homens continuam sendo a maioria das fontes oficiais, institucionais e especialistas. Este cenário, não necessariamente reflete o papel dos canais públicos de comunicação, pensado pelos teóricos do jornalismo, na promoção da diversidade de atores enquanto vozes nos noticiários.

A preferência por fontes especializadas possibilita uma reflexão sobre a produção laboratorial em universidades e a proximidade com docentes e pesquisadores, bem como a produção científica no ambiente acadêmico, e suscita uma análise aprofundada sobre essa relação em uma pesquisa futura. Se faz necessário também refletir sobre a influência das mídias digitais no processo de seleção de fontes por parte destes repórteres em formação, tendo em vista que são impactados por um processo de aprendizado em um ambiente extremamente digitalizado.

As rádio-educativas culturais são concessões públicas, como definidas pela Código Brasileiro das Telecomunicações, e como no caso descrito neste trabalho, estão diversas vezes associadas à uma instituição de ensino pública. Portanto, estas estações de radiodifusão devem refletir a diversidade e a pluralidade sociocultural e étnico-racial das regiões em que estão inseridas e promover o acesso de grupos minoritários e marginalizados aos meios de comunicação.

Além disso, as rádios universitárias públicas devem se comprometer na promoção dos conhecimentos científicos produzidos dentro do ambiente acadêmico e auxiliar na aproximação da universidade com a população em geral. Esta aproximação deve ser instrumentalizada a partir da extensão universitária, que gera a interação entre o

estudante e/ou pesquisador e a sociedade em geral. No caso de uma rádio universitária pública, ela deve auxiliar na formação do estudante de Jornalismo e oportunizar a criação de um espaço de aprendizado teórico-prático.

REFERÊNCIAS

SCHIMTZ, A. A. **Fontes de notícias: Ações e Estratégias das fontes no Jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Educativa UFMS**. Campo Grande. Disponível em: <https://educativa.ufms.br/historico/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

DINIZ, T. V. G.; MACIEL, S. Unesp FM: Análise da Proposta de Programação a Partir da História e da Missão da Emissora. *In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 19., 2014, Vila Velha, ES. Anais [...]. 2014.* Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0933-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

HERRERA HUERFANO, E. del R. Apuntes para pensar la producción radial desde la academia. **Signo y Pensamiento**, [S. l.], v. 20, n. 38, p. 64–71, 2001. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/article/view/2955>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SPENTHOF, E. L. A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios. **Comunicação & Informação**, Goiânia, GO, v. 1, n. 1, p. 153–166, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22755>. Acesso em: 10 abr. 2024

DEUS, S. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria: PRE-UFSM, 2020. Disponível em: [https://www.ufmg.br/proex/renex/images/EBOOK - Sandra de Deus - Extensao Unversitaria.pdf](https://www.ufmg.br/proex/renex/images/EBOOK_-_Sandra_de_Deus_-_Extensao_Universitaria.pdf). Acesso em: 09 jun. 2024.

KISCHINHEVSKY, M.; CHAGAS, L. Diversidade e pluralidade de fontes no jornalismo da BandNews Fluminense FM. *In: Encontro Anual da Compós, 26., 2017, São Paulo, SP. Anais [...]. 2017.* Disponível em: https://www.academia.edu/33743411/Diversidade_e_pluralidade_de_fontes_no_jornalismo_da_BandNews_Fluminense_FM. Acesso em: 09 jun. 2024.

HALL, S.; CRITCHER, C.; JEFFERSON, T.; CLARKE, J.; ROBERTS, B. **Policing the crisis: mugging, the state, and law and order**. London: The Macmillan Press, 1978. Disponível em: <https://sociologytwynham.com/wp-content/uploads/2014/10/policing-the-crisis.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

RUTILLI, M. **Rotinas produtivas e relações com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência:** um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6358/RUTILLI%2C%20MARIZANDRA.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos:** os formatos e os programas de áudio. São Paulo: Paulinas, 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/583425112/Livro-Generos-Radiofonicos-Os-Formatos-e-os-Programas-de-Raudio-BARBOSA-FILHO>. Acesso em: 09 jun. 2024.

KEMPF, H. O. **Rádio universitária pública:** reflexões sobre sua função. 2003. Monografia (Graduação em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Faculdade Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.